

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO *BULLYING* NAS REVISTAS

Florrie Fernandes Albuquerque²²

Tícia Cassiany Ferro Cavalcante²³

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo investigar as representações sociais do *bullying* na mídia, nas matérias de duas revistas de grande circulação nacional. Trata-se de uma pesquisa documental, que para a construção dos dados, foram reunidas as matérias (físicas), disponibilizadas virtualmente, das revistas, que faziam uso do termo *bullying*. Foram um total de 40 matérias. No delineamento metodológico, foram utilizados a Análise de Conteúdo, constituindo-se de uma pesquisa qualitativa. Os resultados evidenciaram que, embora o *bullying* esteja pautado na dicotomia vítima-agressor, a perspectiva da vítima tem sido muito mais explorada. Percebemos uma disputa de campo conceitual entre o *bullying* e o assédio moral, que passam a descaracterizar o *bullying* enquanto fenômeno próprio do ambiente escolar.

Palavras-chave: Bullying; Mídia; Representações sociais.

Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo investigar as representações sociais do *bullying* na mídia, especificamente, nas matérias de duas revistas de grande circulação nacional- Isto É e Veja, bem como refletir sobre a construção social do fenômeno do *bullying* nessas revistas, levando em consideração os anos e sua forma de aparição na mídia.

²² Florrie Fernandes Albuquerque. Colégio Eximius.

²³ Tícia Cassiany Ferro Cavalcante. Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação.

Endereço para correspondência: Centro de Educação. UFPE. Av. das arquiteturas, s/n. Cidade Universitária. Recife-PE.
Email: ticia.cavalcante@ufpe.br

Na década de 80, na Europa, pesquisadores iniciaram uma tarefa de nomear comportamentos entre os jovens em seus universos acadêmicos. Olweus (2012), hoje considerado pioneiro no estudo do *bullying*, realizou uma ampla pesquisa na Noruega, após a imprensa noticiar, em 1982, o suicídio de três adolescentes, com grande probabilidade de ser consequência do *bullying* que sofriam de seus pares.

Silva (2010) afirma que estudos iniciais, como os de Olweus, foram fundamentais para a distinção entre brincadeiras, próprias da vida estudantil, daquelas que ganham requintes de crueldade e que extrapolam todos os limites de respeito para com o outro. Surge, então, o termo *Bullying*, que advém do vernáculo inglês e ainda não possui tradução literal em Português, mas é utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos com objetivos que podem variar entre: agressão, intimidação, coação, entre outros (Silva, 2010; Calhau, 2010; Fante, 2005).

De acordo com Silva (2010), o *bullying* sempre existiu na escola. No entanto, somente há pouco mais de trinta anos começou a ser estudado sob parâmetros psicossociais e científicos e recebeu a denominação especial pela qual é conhecido atualmente em todo o mundo. Esta afirmação é de vital importância para desenvolver este trabalho, uma vez que apresenta a relação entre duas questões importantes na teoria das Representações Sociais - a nomeação do objeto e a representação do objeto. A nomeação implica em inserção social (Taylor, 1997), após uma nomeação nos tornamos fatos ou seres a quem o discurso se dirige. Nomear um episódio de violência como *bullying* é distingui-lo dentre outros episódios de violência a partir de características próprias.

Foram encontrados alguns artigos científicos cuja temática do *bullying* estava sendo observada sob à luz da Teoria das Representação Social, como os de Nascimento, Vieira e Trindade (2011), Bernardini (2010), Malta (2010), Lima, Coutinho e Milane (2013), Ens, Eyng, Gisi (2031). Todavia, apenas um artigo, *An Analysis of Italian Newspaper articles on the Bullying Phenomenon* (Fraire, Prino & Clavo, 2008) utilizou a mídia como fonte de pesquisa sobre a representação social do *bullying*. Trata-se de uma pesquisa Italiana, cujo objetivo é analisar o espaço dedicado ao fenômeno do *bullying* em jornais nacionais *La Stampa* e *La Repubblica*. Foram selecionados os artigos publicados por *La Stampa*, de 2000 a 10 de Setembro de 2007, que continha no título ou texto a palavra *bullying*, o que representou um total de 891 artigos, além do texto integral de uma seleção de 245 itens publicado no mesmo período pelo *La Repubblica*.

A pesquisa Italiana nos traz informações que se aproximam com as observações junto à comunidade educativa, e que deram origem a este trabalho. Segundo ela, também foi possível

perceber o uso extensivo do termo *bullying* no dia a dia, apresentando a enorme significância que tem assumido na sociedade.

Conforme discorremos sobre o *bullying*, foi possível perceber que se trata de objeto polêmico, controverso, que possui discussões de âmbito científico, apresenta uma nomeação inaugural, modifica práticas e passa a ser objeto de manifestações discursivas também nos meios de comunicação se transformar em um fenômeno do universo consensual. Todas estas características colocam o *bullying* na condição de objeto de estudo da Teoria das Representações Sociais, condição fundamental para o avanço deste trabalho.

Para Moscovici (2012), o objeto fundamental para a Psicologia Social é o conhecimento social. Para ele, este estudo para além de englobar os processos básicos (memória, percepção, processamento de informações, dissonância etc.) atuam em conjunto com aspectos da vida social, tais como valores, as normas, os símbolos e as tradições para gerar conhecimento em um contexto social, elementos adquiridos pelos indivíduos, por meio das experiências relacionais de uma determinada cultura (Cerrato & Palmonari, 2011).

No século XX os meios de comunicação passaram a assumir um grande espaço no mundo social e ocupar um lugar significativo na vida social e cultural dos indivíduos, ultrapassando a condição de meros veiculadores de mensagens e passando assumir também o lugar de responsáveis pela produção de sentidos que circulam na sociedade. É neste momento, no século XX, que se inicia o interesse da psicologia social em compreender o ato de comunicar como um processo que implica em reflexos no mundo social.

A teoria das representações sociais desponta neste cenário iniciando uma reflexão sobre a construção do senso comum a partir da incidência dos meios de comunicação nas coletividades.

Dessa forma, o que vai diferenciar a noção de Psicologia Social na TRS é a introdução do papel da comunicação social na transmissão de informações e as trocas de mensagens realizadas entre os indivíduos em sociedade. Segundo Moscovici (2003, p.06) “no que concerne aos fenômenos de comunicação social, eles designam trocas de mensagens linguísticas e não linguísticas (imagens, gestos, etc.) entre indivíduos e grupos”.

As revistas semanais, nosso material de pesquisa, apresentam ainda peculiaridades a respeito do caráter ideológico, tanto por carregar as ideologias da própria dos seus autores, quanto pelo caráter interpretativo próprio das notícias semanais. Callado (2002, p. 50) afirma que as revistas semanais de informação sempre publicaram matérias interpretativas, pois demanda mais tempo em sua elaboração e relata os acontecimentos e seus desdobramentos.

Em estudo sobre ideologia e Representações Sociais, Guarechi (2000) aponta para a necessidade de atentarmos para os inúmeros enfoques teóricos, que dão ao conceito de ideologia diferentes significações e funções. Para o autor a crescente importância da ideologia deve-se hoje, certamente, ao fato de nossa sociedade e nosso mundo tornarem-se, a cada dia, mais "imateriais", sempre mais sustentados numa comunicação verbal e simbólica.

Guarechi (2000) entende ideologia como um conjunto de práticas positivas, que servem para criar ou manter as relações sociais através de suas formas simbólicas, aproximando, desta forma, as noções de RS e ideologia. Segundo o autor, “ambas as concepções podem ser tomadas como construções simbólicas, conjuntos de saberes populares que servem para criar, reproduzir ou transformar as relações sociais” (p. 43). A concepção que tomaremos neste trabalho é a discutida por Moscovici e Marková (2003) em que se pode constatar o emprego de ideologia no sentido de Thompson (2007), como uso de formas simbólicas para criar ou reproduzir relações de dominação. Assim como nos faz refletir Guarechi (2000) através da linguagem cria-se diferentes conotações para determinadas realidades que são valorizadas ou desvalorizadas conforme o interesse em questão.

Para Thompson (2007) os produtos da comunicação de massa são produzidos para uma pluralidade de receptores. Segundo o autor, deve-se abandonar a ideia de que o termo “massa” estaria relacionado à homogeneidade ou passividade. Na comunicação de massa o conhecimento dos fatos se dá para além do contato social direto, e da recepção das formas simbólicas mediadas pelas mídias. Os receptores da mídia são participantes de um processo estruturado de transmissão simbólica cuja interação ocorre em relação às mensagens e, em caráter excepcional, com emissor.

Nos estudos sobre a RS da psicanálise Moscovici (2012) propôs a sistematização de três formas de comunicação: Propaganda, propagação e a difusão. O sistema de difusão caracteriza-se por não se dirigir a um público em específico, mas a uma pluralidade de públicos. As mensagens são organizadas de forma indiferenciada, sem levar em consideração as diferenças individuais e tem por objetivo atingir o grande público. A propaganda visa incidir sobre o comportamento do receptor, as mensagens exercem aqui uma função claramente instrumental, visam a persuasão. Com relação às três formas de comunicação propostas por Moscovici (2012), o *bullying*, nosso objeto de estudo, será observado levando em consideração o processo de difusão.

Metodologia

O presente estudo trata-se de pesquisa de fonte documental, que trabalhou com documentos de domínio público, especificamente matérias das duas revistas de maior circulação

Psicologia, Educação e Cultura ■ Vol. XXVI, Nº 2 ■ Setembro de 2022

no país, Veja e Isto É. Compreendendo os documentos de domínio público como produtos sociais que são tornados públicos como nos diz Spink (1999) e, em sendo produtos sociais, são passíveis de observação a partir da Teoria das Representações Sociais.

Segundo a natureza dos dados trata-se de uma pesquisa que se utilizará do método qualitativo. Para Minayo e Sanches (1993), a pesquisa qualitativa se preocupa com nível de realidade que não pode ser quantificada e se preocupa em atingir os significados latentes no material.

Da escolha das Revistas Veja e Isto é

a) Revista Veja. Lançada em 11 de setembro de 1968, com título de Veja e leia, em pleno regime militar. Segundo Magalhães (2003) em decorrência à época a revista enfrentou problemas sérios de censura, responsáveis por supressão de matérias, edições apreendidas e outras questões. Desde sua primeira publicação se propõe a ser uma revista de circulação nacional, com edições semanais, apresentando coberturas nacionais e internacionais. Em 1976, passou por um momento de reorientação político-editorial em sua produção que aproxima a revista do seu momento atual. Disponível em versão impressa e digital.

b) Revista Isto É. A revista, publicação da Editora Três, teve sua primeira edição lançada em julho de 1976, na época tratava-se de revista mensal e, só após alguns anos de publicação tornou-se revista semanal. Do jornalista argentino Carlos Domingos Alzugaray que é também o responsável pela publicação.

Após a aceitação do mercado de algumas de suas revistas, a Editora Três lança a Isto É, que passou a ser a mais bem sucedida revista da editora. A inclusão das duas revistas como amostra documental está relacionada com os seguintes critérios: (i) serem revistas semanais de circulação nacional; (ii) possuírem versão eletrônica, com acesso através da internet; (iii) possuírem o recurso de busca em tempo real.

A coleta dos dados, os procedimentos de análise e preparação do corpus da pesquisa

As revistas utilizadas como fonte para a realização da pesquisa possuem acervo disponível na internet. A revista Veja, disponibilizam seus exemplares digitalizados desde a primeira edição, já a revista Isto É disponibiliza suas edições impressas em formato de revista digital a partir do ano de

1999. Por haver esta diferença quanto à publicação *online* do acervo, fora realizado contato com a editora Isto É (por *e-mail*) para confirmar se existiam matérias anteriores às que foram localizadas, em resposta a editora afirmou como primeira aparição do termo na edição de 2001, matéria que já havia sido localizada. Desta forma, foi possível obter todos os documentos publicados até agosto de 2014 de ambas, permitindo o acesso integral aos seus conteúdos, além de uma análise fidedigna da quantidade total de artigos sobre o assunto, a precisão do momento em que foram realizadas as primeiras matérias sobre o assunto e qual o ano de maior publicação.

Foram encontrados, no total, 40 matérias, sendo 21 da revista Veja e 19 da revista Isto é. Mantivemos o intervalo de tempo até 2014, pois foi o período estipulado para o término do trabalho, não sendo possível se estender mais. Todavia, considerando que é possível a partir desse levantamento traçar dados importantes sobre a problemática levantada para investigação.

Com relação ao procedimento de análise de dados, o presente trabalho utilizou do uso conjugado dos procedimentos de Análise de Conteúdo clássica, proposto por Bardin (2011).

Não é de hoje que os documentos de domínio público são analisados a partir das técnicas de Análise de Conteúdo. Bardin (2011), em seus escritos, indica que historicamente a imprensa sempre serviu de fonte para o desenvolvimento e aprimoramento das técnicas de análises de conteúdo, e que, os materiais analisados eram essencialmente jornalísticos.

Procedimentos de busca em tempo real

Escolhidas as revistas, de acordo com os critérios estabelecidos, deu-se início à busca das matérias. Através da ferramenta de busca Google (2014) é possível encontrar o acervo, digitalizado, de ambas as revistas. Para ter acesso aos arquivos da revista Veja, foi necessário apenas digitar no espaço de busca do Google a seguinte frase: acervo digital veja, o primeiro arquivo que o Google disponibilizou é o que vai permitir acesso aos arquivos digitais em um sistema de buscas, que se encontra disponível no seguinte link: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.

Com relação aos arquivos da revista Isto É, o processo ocorreu de forma semelhante, através da ferramenta de busca Google (2014) foi acessado o acervo digital. Usando a frase: isto é acervo digital, no espaço de busca, foi localizado o sistema de busca da revista Isto É. Este sistema pode ser encontrado com o seguinte link: <http://www.istoe.com.br/revista/edicoes-anteriores/>.

Sobre a análise do conteúdo

Diante de um campo tão plural, a análise do conteúdo irá se distinguir de outras técnicas a partir da sua finalidade, que é efetuar deduções lógicas e justificadas que dizem respeito à origem das mensagens, ou seja, considerando seu emissor, contexto, e em alguns casos, seus efeitos.

Conforme a organização definida por Bardin (2011), foi realizada a análise do conteúdo em três fases: a pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados e a interpretação. A Pré-análise teve início com a realização das leituras de todas as publicações das revistas *Veja* e *Isto É* que fizeram referência ao *bullying*, uma atividade conhecida como “leitura flutuante”, atividade que objetivou gerar impressões iniciais acerca do material a ser analisado e direcionou para identificação dos índices e a elaboração dos indicadores. Na etapa de exploração do material iniciamos uma codificação das informações contidas no material e, posteriormente, foram identificadas as palavras características. Por fim, foram localizados os trechos característicos de cada categoria. Na última etapa, do tratamento dos resultados e interpretação, Bardin (2011, p. 101) assim a descreve: “a fim de analisar os dados obtidos, o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”. Nesta etapa, chegamos aos seis principais temas que serão explicitados no próximo capítulo.

Resultados e discussão

Foram identificadas seis categorias, a saber: As vítimas e suas histórias; *Bullying* - responsabilidade da escola; *Bullying* – Um caso de justiça; *bullying* nos meios de comunicação de massa; *Bullying* na internet; Do *Bullying* à Chacina.

Categoria 01 – As vítima e suas histórias

Embora o *bullying* apresente algumas personagens, ou atores, como também são conhecidos, as matérias das revistas estudadas dedicam grande parte do seu material em falar da vítima. Em comum está também o espaço dedicado às histórias das vítimas, como veremos nos trechos a seguir:

a infância do designer Guilherme Ghilardi, 25 anos, foi marcada pela angústia de chegar a escola e ser vítima de todo tipo de brincadeira de mau gosto. Gorducho, ele era chamado de mamute. Na sala de aula, entortavam o ferro de sua cadeira

para que ela quebrasse quando ele se sentasse, como se seu peso fosse o causador do estrago (Veja , 2011).

Nem todas as diferenças, entretanto, são resolvidas a tempo. O estudante Caiuá de Frias Monteiro, 18 anos, teve seu nariz quebrado em sete lugares ao ser agredido por um ex-colega do Colégio Nossa Senhora do Morumbi, em São Paulo (Isto É , 2004).

Os relatos, algumas vezes são das vítimas, mas outras dos pais das vítimas. Normalmente, quando os relatos são dos adultos, eles remetem a uma época passada; aos tempos de criança e/ou adolescência. Os relatos giram em torno da violência física e psíquica, em igual proporção. Em ambos os tipos de relato, quer seja do adulto, quer seja da criança ou adolescente o foco é sempre o sofrimento e as consequências psíquicas. Segundo Silva (2010), as vítimas de *bullying* com grande frequência apresentam características psicológicas que aliada à baixa autoestima poderia agravar a situação, além de instaurar quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais. Segundo a autora, as principais consequências psicológicas são: transtorno do Pânico, fobia, transtorno de ansiedade social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo compulsivo, transtorno de stress pós-traumático e somatizações em geral. Como quadro menos frequente, Silva (2010) aponta como consequência, suicídio e homicídio e também a eclosão de sintomas esquizofrênicos, caso já exista uma predisposição.

Categoria 02- *Bullying*: responsabilidade da escola

O espaço escolar tem um lugar especial nas pesquisas sobre o *bullying*, pois as pesquisas iniciais sobre o tema tratavam o fenômeno como específico deste espaço. Nas matérias das revistas pesquisadas, a escola vem sendo apontado como principal responsável pelos casos de *bullying*. Isso ocorre porque normalmente vítima e agressor fazem parte de um mesmo grupo social, que é o grupo da escola. Nem sempre os episódios de violência ocorrem no espaço escolar, no entanto, este espaço vem sendo apontado como omissor e principal responsável.

tanto nas escolas públicas quanto nas particulares, onde os altos muros que as separam do mundo externo, em vez de protegê-las dos perigos “de fora”, muitas

vezes alimentam atos ainda mais violentos cometidos do lado “de dentro (Isto É, 2008)

fui na escola e a diretora disse que era coisa de menino, que tinha sido uma brincadeira, mas que não iria se repetir, conta a mãe. A promessa da diretora não se cumpriu. Poucas semanas depois, Yan chegou em casa vomitando e disse que havia comido algo estragado. (Isto É, 2008)

O *bullying* é um problema da escola? Este é o tema maior de reflexão desta categoria . De fato, dentre os estudos que referenciam este trabalho, foi possível perceber que a escola se constitui num espaço físico de extrema relevância para os cuidados com relação ao tema. Os estudos iniciais sobre o tema, aqueles que vieram a nomear o fenômeno e identificá-lo enquanto tal, como as pesquisas de Olweus (2012, 1973, 1977, 1984) e de outros teóricos contemporâneos como Smith e Thompson (1991), detiveram-se aos estudos do *bullying* na escola e em seus arredores. Olweus (2012) afirma que é na escola onde a maioria dos casos de *bullying* acontecem. O autor menciona ainda que não responsabiliza diretamente a escola pelos casos de *bullying*, apesar de ter criado um programa de intervenção para uso na escola. Diferente do discurso observado nas matérias das revistas pesquisadas em que a escola é apontada com responsável , existe uma unidade entre autores (Fante, 2005; Silva, 2010) com relação à uma co-responsabilidade (pais , escola, vítima , agressor) em relação aos fatos de *bullying* ocorridos na escola.

Conforme descrito nas matérias, as escolas, principalmente as particulares, são responsáveis pela violência, fruto dos eventos de *bullying* que ocorrem no seu interior e até mesmo fora dela. A grande dificuldade em assumir uma postura mais enérgica com relação aos eventos de *bullying* deflagados em seu espaço estaria relacionado ao receio da perda de estudantes. Segundo os relatos das matérias, a dificuldade das escolas em assumir que casos de *bullying* ocorrem em suas dependências ocorre pelo medo de ser identificada socialmente enquanto espaço em que a prática do *bullying* é permitida.

Para especialista, resultado indica que o estudante não se importa com a supervisão de um adulto, pois há uma banalização da violência nas escolas (Isto É, 2011).

Os casos divulgados nas revistas sugerem omissão da escola nos casos de *bullying*. As pesquisas de Olweus (2012), por sua vez, ao caracterizarem o *bullying* como fato que ocorre em geral nas dependências da escola, apontam para a responsabilidade que a escola tem de cuidar para que o ambiente escolar se torne um espaço desfavorável para o surgimento e estabelecimento da prática. Embora não tenha afirmado que a responsabilidade dos atos é da escola, Olweus (2012) afirma que o *bullying* é um problema relativo à escola.

Categoria 03 *Bullying* – Um caso de justiça

A categoria 3 está entrelaçada com as outras. Ela nos remete a três questões: necessidade de acionar a justiça; a falta de amparo legal (que proteja as vítimas e venha a punir os responsáveis) e; a impunidade. A partir do momento em que os atos de violência e intimidação entre pares começam a ser estudado, dentro dos parâmetros científicos, atinge condição de legitimidade, deixando de ser caracterizado em sua forma genérica como violência. Tal mudança tornou possível o reconhecimento de todos os personagens do *bullying* e, principalmente, da vítima, que passa a sentir necessidade de ter reparados os danos causados pelo *bullying* através da instância judicial. Calhau (2010, p. 14) afirma que “as práticas do *bullying* colidem frontalmente com o artigo 5 da Constituição Federal de 1988, devendo ser, também, combatida por todos os brasileiros”, como destaca os trechos das matérias a seguir:

Pedir reparação na justiça é uma alternativa que começa a ganhar visibilidade (Isto É, 2011).

os pais devem providenciar a transferência do filho para outra instituição e acionar a justiça (Isto É, 2008).

As matérias que abordam essa ótica da temática apresentam uma preocupação com a nossa legislação, como garantia de direitos. No Brasil, não existe legislação que normatize as ações frutos das ações judiciais que envolvem a temática do *bullying*. Ficando a critério de enquadramento em artigos que dizem respeito a outros casos, mas que apresentam similaridade, como, por exemplo: injúria e lesão corporal. Os casos são julgados com base no princípio constitucional da dignidade humana. A jurisprudência também é utilizada em auxílio à resolução dos casos. Calhau (2010)

afirma que os pais não podem alegar o desconhecimento dos casos de *bullying* praticados pelos filhos, caso ele venha caracterizar danos a terceiro, pois há o dever de supervisionar os filhos.

Esta categoria ajuda a refletir sobre o *bullying* como um ato ilícito, que causa danos além de desrespeitar princípios constitucionais como o da dignidade humana, por exemplo.

Categoria 04 - O *bullying* nos meios de comunicação de massa

A partir do ano de 2010, o *bullying* vira notícia, não somente pelas histórias das vítimas, mas também por todo material de comunicação de massa que é produzido em torno da temática. No ano de 2012 despontam os filmes, documentários e as notícias do *bullying* no cinema. O *bullying*, nem sempre se tratava do tema central das histórias, mas já se constituía tema identificado nas tramas, como observado nos trechos a seguir:

A trama sobre um garoto de 12 anos, vítima de *bullying*, que faz amizade com a vizinha que parece ter a sua idade (Veja, 2012).

o documentário *bullying*, dirigido por Lee Hirsch, é um forte candidato ao Oscar (Veja, 2012).

O fato do *bullying* se apresentar e ser apresentado nas mídias, através de filmes, indicações de livros, não leva a refletir que o fenômeno além de passar pelo processo de difusão, passa também pelo processo de propagação. Lembrando que para Moscovici (2003) a difusão é um processo no qual a transmissão das informações é realizada da ciência para o público. Ressaltando que neste íterim ocorre um processo de modificação dos conteúdos apresentados pela ciência quando do intermédio da mídia para a divulgação deste; esta interferência busca criar um saber comum. A propagação tem como principal característica a produção organizada da informação, que pode ser realizada por membros de grupo, buscando propagar uma crença e acomodar o novo saber a princípios já estabelecidos. Por sua vez, a propaganda é uma forma de comunicação que se insere em relações conflituosas. Na propagação existe o objetivo de impor a sua ideia através de estratégias de persuasão através da manipulação do saber com o objetivo de estabelecer a identidade do grupo.

CATEGORIA 05- O *BULLYING* DA INTERNET

Com o surgimento de novas tecnologias, vemos também surgir novos espaços sociais. Espaços que nem sempre estão sendo utilizado de maneira sensata e com finalidades éticas. Práticas de constrangimento e intimidação têm ocorrido de forma frequente neste espaço, que dependendo das condições em que são praticadas podem ser consideradas práticas de *bullying*. *Cyberbullying* ou *bullying* virtual são os nomes utilizados para as práticas de *bullying* que acontecem por intermédio das novas tecnologias. Segundo Calhau (2010), o *cyberbullying* é uma extensão do *bullying* que ocorre na vida real.

A temática do *ciberbullying* apresentou-se de modo frequente nas matérias apresentadas. Foram ressaltadas questões importantes da temática, como: a amplitude que as intimidações podem alcançar; a exposição da vítima; o encorajamento de agressores mais tímidos e sua proteção no anonimato.

O uso intenso da internet e de celulares facilita a perseguição - esses, aliás, são instrumentos preferidos das meninas (Isto É, 2004).

para desespero das vitimas, muito frequentemente as ameaças e intimidações são alimentadas via internet (Veja, 2011).

Os discursos das matérias instigam o leitor a se indagar sobre a responsabilização do *bullying* que ocorre por meio da internet. Nos relatos dos casos de *bullying*, independente de onde ocorreram os incidentes de vitimização e intimidação, as redes sociais e demais recursos de mensagens aparecem como recursos que agravam os casos de *bullying*, e até mesmo provocam os episódios de *bullying*.

CATEGORIA 06 - DO *BULLYING* À CHACINA

Esta categoria é a menor dentre as categorias, entretanto, apresenta matérias extensas e coesas sobre o assunto. Fala da relação do *bullying* com massacres ocorridos em escolas. No Brasil, o massacre de realengo que ocorreu em 2011, se caracteriza como um marco que divide a forma como são elaboradas as matérias sobre o *bullying*, estas aumentaram em número e também importância dentro do corpo da revista. As matérias que antes eram pequenas e se apresentavam de forma mais espaça, passaram a apresentar maior importância chegando a ocupar lugar de destaque como matéria de capa.

O Brasil foi apresentado à face mais cruel do *bullying* diante das 12 vítimas de um colégio carioca, mortas por um ex-aluno (Isto É, 2011).

no caso de Wellington, provavelmente as humilhações funcionaram como gatinho de um gravíssimo distúrbio psíquico” diz Gustavo Teixeira, psiquiatra e autor do recém lançado manual anti-*bullying* (Isto É, 2011).

No Brasil, o massacre de realengo passa a unir também a ideia de *bullying* relacionado à chacina. O massacre de realengo ocorreu em 7 de abril de 2011 na escola municipal Tasso da Silveira. O episódio que findou com doze mortos e o suicídio do rapaz, não apresenta causa(s) definida(s). Wellington de Oliveira Menezes, de 23 anos, era descrito por seus familiares como um rapaz calado, tímido e introspectivo. Era filho adotivo e sua mãe adotiva havia morrido um ano antes da tragédia. Sua mãe biológica sofria de problemas mentais e tentou suicídio, segundo familiares.

Considerações finais

O presente estudo, através de seus objetivos, permitiu observar o *bullying* enquanto objeto das representações sociais, e como nos diz Sá (1998, p.21), “são por natureza difuso, fugidios, multifacetados, em constante movimento e presentes em inúmeras instâncias da interação”, ainda como nos diz o autor não podem ser captados de forma direta e completa.

A análise de conteúdo de Bardin (2011), mais especificamente a análise temática, nos proporcionou o primeiro acesso ao campo semântico da representação na medida em que permitiram observar os primeiros significantes associados ao *bullying*.

Diante deste reconhecimento, cinco categorias apresentaram uma frequência expressiva, são elas: As vítimas e suas histórias, *bullying* - responsabilidade da escola, *Bullying* – ‘Um caso de justiça’, ‘O *Bullying* na internet’ e ‘O *bullying* nos meios de comunicação de massa’.

As análises e a discussão dos resultados evidenciam a complexidade e abrangência do tema. O enfoque dado ao fenômeno do *bullying* apresentou modificações significativas de acordo com o tipo de matéria e público que se pretendia atingir.

A pesquisa aponta que existe uma tendência por parte das revistas a marginalização da adolescência e uma possível inclinação para a redução da maioria penal como solução para esta questão.

Construções como estas sobre o fenómeno do *bullying* e suas personagens em *Veja* e *Isto É* expõem também a presença de questões ideológicas que perpassam o discurso de ambas as revistas, principalmente levando-se em consideração que as mídias impressas, especialmente as revistas semanais, influenciam mais diretamente a opinião pública do que outras mídias, uma vez que são mídias mais analíticas, que proporcionam um debruçar mais extenso e detalhado sobre a notícia, como já foram discutido outrora.

REFLETIR SOBRE *BULLYING* LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO AS FORMAS DE APRESENTAÇÃO DO FENÔMENO NO DECORRER DOS ANOS NOS AJUDA A COMPREENDER UM POUCO SOBRE O PROCESSO DINÂMICO DA LINGUAGEM, EM QUE MUDA E É CAPAZ DE MUDAR O SOCIAL COMO NOS ALERTA MARKOVÁ (2006).

Referências

- Bardin, L. (2011). *Análise do conteúdo*. Edições 70.
- Bernardini, C.H. (2010). Bullying escolar: uma análise do discurso de professores. *Revista Polêmica*, 9 (2), 99-104. doi 10.1295/polemica.
- Calhau, L.B. (2010). *Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. Impetus.
- Callado, A.A. (s.d). *O texto em veículos impressos em Deu no Jornal*. Editora PUC-Rio.
- Ein, R.T.; Eyng, A.M. & Gisi, A.L. (2013). Representações sociais sobre bullying no cotidiano de escolas públicas de educação básica. *Revista educação pública*, 22 (50), 785-808. doi: 10.18264/REP.
- Palmonari, A. & Cerrato, J. (2011). Representações sociais e psicologia social. Em: Almeida, A.M.O.; Santos, M.F.S; Trindade, Z.A (Eds.). *Teoria das representações sociais: 50 anos* (pp. 402-441). Technopolitic.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Verus.
- Fraire, M.; Prino, L.E.; & Sclavo, E. (2008). An analysis of italian newspaper articles on the bullying phenomenon. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*. 8, 237-245. <https://doi.org/10.1155/2022/2138650>.
- Guareschi, P.A. (2000). Representações sociais e ideologia. *Revista de Ciências Humanas*. série especial, 33-46. doi: <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2022.v15.n1.a820>
- Lima, O.I.; Coutinho, M.P.L. & Milani, M.R. (2013). Representações sociais da violência – bullying no contexto escolar do ensino médio. *Indagacion didactica*. 5(2), 1-21.
- Magalhães, L. (2003). *Veja, Isto é, leia: produção e disputa de sentido na mídia*. EDUFPI.

- Malta, D.C.; SILVA, M.A.I.; Mello, F.C.M.; Monteiro, R.A.; Sardinha, L.M.V.; Crespo, C.; Carvalho, M.G.O.; Silva, A.M.M; Porto, D.L. (2010). Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Ciência e Saúde Coletiva*, 15(2), 3065-3076.
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações Sociais*: as dinâmicas da mente. Vozes.
- Minayo, M.C.S. & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, 9(3), 239-262.
- Moscovici, S. (2012). *A representação social da psicanálise*. Zahar.
- Moscovici, S. (2003). O fenómeno das representações sociais. In: Farr, R.M.; Moscovici, S. (Eds.). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Vozes.
- Moscovici, S. & Marková, I. (2003). La presentación de las representaciones sociales; diálogo com Serge Moscovici: In: Castorina, J.A (Ed.). *Representaciones sociales: problemas teóricos y conocimientos infantiles*. (pp. 111-152). Gedis editorial.
- Nascimento, I.P.; Vieira, A.S. & Trindade, M. (2011). *Quero me livrar de você: as representações sociais de jovens de escolas públicas sobre o bullying*. Trabalho apresentado no XX Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, Recife, Brasil.
- Olweus, D. (1973). *Chopper chicks and bullies: research on school bullying*. Almqvist & Wiksell.
- Olweus, D. (1977). Aggression and peer acceptance in adolescent boy: Two short-term longitudinal studies of ratings. *Child Development*, 48(4), 1301-13.
- Olweus, D. (1984). Aggression and their victims: Bullying at schools. In: N. Rude, N.; Hault, H. (Eds.). *Disruptive behavior in school*. (pp. 57-76). Wiley.
- Olweus, D. (2012). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Blackwell.
- Sá, C.P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. EDVERJ.
- Silva, A.B.B. (2010). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Spink, P. (1999). Análise de documentos de domínio público. In: Spink, M.J.P (Ed.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. (pp. 100-126). Cortez.
- Taylor, C. (1997). *Le langage et la nature humaine. LA LIBERTÉ des modernes*. Presse Universitaires de France.
- Thompson, J.B. (2007). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Vozes.

THE SOCIAL REPRESENTATION OF BULLYING IN MAGAZINES

Abstract

The present work aimed to investigate the social representations of bullying in media, specifically in articles of two important magazines in Brazil – *Isto É* and *Veja*. It consists of a documental research, in which, in order to build our database, all the physical articles of the magazines *Veja* and *Isto É* which contained the word ‘bullying’ were gathered. Altogether, they were forty articles, nineteen from *Veja* and twenty-one from *Isto É*. In the methodological outlining, the Content Analysis of Bardin, was used as thematic analysis, constituting a qualitative research. The results evidenced that, even though bullying is guided in the dichotomy victim-aggressor, the victim’s perspective has been far more explored. Besides, we noticed a dispute of conceptual field between bullying and moral harassment, which disfigures bullying as a phenomenon which is proper of the school environment.

Keywords: Bullying; Media; Communication; Social representation.